

Ciência e educação científica feminina no discurso de José Veríssimo (1857-1916)

Lêda Valéria Alves da Silva

Resumo

O trabalho tem por objetivo examinar o pensamento do escritor paraense José Veríssimo no que diz respeito aos estudos das ciências naturais e as suas ideias sobre educação científica feminina na transição do século XIX para o século XX, momento da transição do regime imperial para o republicano. Esse período foi selecionado, por ser o momento em que José Veríssimo escreveu seus livros e textos, como o livro A Educação Nacional, publicado em 1890, acerca da educação no país. Entusiasmado pelas ideias positivistas, evolucionistas e pelo republicanismo, o autor examina como se encontrava o estudo das ciências naturais na época de transição, já que para as doutrinas elencadas por Veríssimo era importante que escola tivesse um papel "iluminador" da sociedade e isso seria obtido através das ciências. Em seguida examino como a reforma na educação nacional ansiada por Veríssimo influenciou no modelo de ensino científico no qual a mulher brasileira deveria se submetida por ser a primeira educadora dos filhos. O autor indica um currículo a ser ensinado às mulheres para que melhor aprendessem as ciências. A pesquisa então assume relevância para a história da educação científica brasileira, já que contribui para conhecer as ideias de educação de José Veríssimo, um dos escritores brasileiros que mais se empenhou em fazer no país um elo entre o progresso e a educação.

Palavras-chave: História; ciência; educação feminina.

Abstract

The study aims to examine the paraense writer José Veríssimo with respect to studies of the natural sciences and their ideas about science education of women in transition from the nineteenth to the twentieth century, time of transition from the imperial to the republican regime. This period was selected because it is the time when Jose Verissimo wrote his books and texts such as the book The National Education, published in 1890, about education in the country. Enthused by positivist, republicanism and the evolutionists ideas, the author examines how was the study of natural sciences at the time of transition, as to the doctrines listed by Verissimo was important that school had a role "illuminator" of society and that would be obtained through sciences. Then I examine how the national education reform longed Verissimo influenced by the model of science teaching in which the Brazilian woman should be submitted as the first educator of children. The author suggests a curriculum to be taught women to better learn the sciences. The research then is relevant to the history of Brazilian science education, since it contributes to hear the ideas of José Verissimo education, one of Brazilian writers who strove to do more in the country a link between progress and education.

Keywords: History; science; female education.

O objetivo deste trabalho é analisar os escritos de José Veríssimo (1857-1916) para conhecer sua discussão sobre educação científica e, em particular sobre a educação científica feminina. O recorte temporal adotado abrange as últimas décadas do século XIX no Brasil, sendo que a pesquisa se desenrola no período que vai de 1870 – que já foi afirmado por Sílvio Romero como um período propagador de um “bando de ideias novas” – até a primeira década do século XIX. A escolha do período abrange o momento em que José Veríssimo escreveu seus textos sobre educação.

Pretendo refletir sobre o pensamento de Veríssimo, tendo em vista o momento histórico, científico e cultural no qual ele se insere, ou seja, o fim do século XIX no Brasil, um período de grandes debates intelectuais. Também intenciono mostrar a inserção de Veríssimo nesse período, bem como o modo como suas ideias de ciência e educação científica feminina são discutidas ao longo de seus escritos.

José Veríssimo Dias de Mattos (1857-1916) nasceu em Óbidos, no Pará. Completou parte dos seus estudos em Belém e depois viajou para o Rio de Janeiro. Estudou na Escola Politécnica, em 1874, ao se preparar para a carreira de engenheiro, porém não concluiu seus estudos devido a complicações de saúde, retornando à Belém um ano depois. Em Belém, fundou o Colégio Americano (1884-1890) do qual foi diretor e professor. Foi diretor da Instrução Pública (1890-1891) no Pará onde reorganizou e reformou o “ensino primário, secundário, técnico, particular e público, culminado na revitalização da Biblioteca Pública e do Museu Paraense” tendo um papel fundamental na reforma educacional do Estado¹. Um ano depois foi convidado a ocupar o cargo de diretor do externato do ginásio Nacional (1892-1898), no Rio de Janeiro. Suas obras que fazem referência as questões educacionais são: *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano*

¹ Diego R. S. Machado, “República, ciência e instrução pública no Pará: o Museu Paraense e o ensino da história natural (1889-1900)” (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2010), 42.

(1888), *Educação Nacional* (1890) e *A Instrução Pública no Estado do Pará* (1891). Veríssimo, por exemplo, escreveu o livro *A Educação Nacional* em 1890, logo após a proclamação da República. Neste livro o autor exalta a educação baseada no patriotismo e aponta, sobretudo, um novo rumo para a educação feminina, já que é o momento de emergência da “nova mulher” e do conhecimento científico.

José Veríssimo também era um crítico literário muito ativo como se pode notar na série *Estudos de Literatura Brasileira* (1976) onde o autor faz críticas literárias aos livros dos principais escritores do Brasil na época como: Machado de Assis, Aluísio Azevedo entre outros. Além disso, ele não se limitou aos escritores brasileiros. No livro série *Homens e Coisas Estrangeiras: 1899-1908* (1902) o autor também faz críticas a escritores estrangeiros como Tolstoi, Shakespeare, Eça de Queiroz e Nietzsche, demonstrando na época um conhecimento até então pouco difundido no Brasil sobre esses autores e suas obras.

As obras de Veríssimo guardam importância para se compreender o modelo educacional do período, já que as ideias dele têm sido objeto de várias reflexões por estudiosos da literatura e da educação. Em 1937, Francisco Prisco - que foi Ministro da Justiça e Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública na Bahia - escreveu a biografia de Veríssimo em um livro intitulado *José Veríssimo sua vida e sua obra*, considerado pelos críticos da literatura a mais bem elaborada biografia do autor, e que demonstra a importância de Veríssimo para sua época. Sobre a importância de Veríssimo para a literatura brasileira Prisco comenta:

ninguém, isento de paixões, poderá negar ter sido de inestimável valor a influencia do crítico paraense. Ele não só dignificou com o exemplo a carreira do homem de letras no Brasil, senão concorreu também para a nossa emancipação intelectual, chamando a atenção dos escritores para nós mesmos, para o encanto da nossa vida e o esplendor maravilhoso da nossa natureza².

² Prisco apud Sônia M. da S. Araújo, “José Veríssimo: vida, obra e personalidade”, in *José Veríssimo: raça, cultura e educação*, org. Sônia M. da S. Araújo (Belém: EDUFPA, 2007), 29.

O crítico literário e professor João Alexandre Barbosa (1937-2006), que é considerado um dos principais estudiosos das obras de Veríssimo e introduziu a versão de 1985 do livro *A Educação Nacional* e a série *Estudos de Literatura Brasileira* de 1976, afirma a importância de José Veríssimo como crítico e educador, na medida em que ele possui um “conhecimento extenso de nossa história e os seus pontos de vista [passam] pelo crivo da experiência pedagógica intensiva”³.

Em um trabalho mais recente, defendido em 2004, Maria do Perpetuo Socorro G. S. A. de França, com a tese “José Veríssimo (1857-1916) e a educação brasileira republicana: raízes da renovação escolar conservadora”, teve como objetivo examinar o pensamento educacional nacional nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, demonstrando em seu trabalho que José Veríssimo “aponta para a constituição de um pensamento educacional crítico”⁴.

Outro trabalho igualmente importante é o de Maria Auxiliadora Cavazzotti com o livro *O projeto republicano de educação nacional na versão de José Veríssimo*, publicado em 2007, que teve como objetivo analisar os escritos de José Veríssimo na busca por demonstrar que a concepção educacional do autor está baseada no esforço de proteger o caráter brasileiro das novas forças sociais republicanas a fim de promover seu desenvolvimento⁵.

IDÉIAS DE JOSÉ VERÍSSIMO SOBRE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO

José Veríssimo acreditava que era necessário introduzir no país o ideal nacionalista e, apoiado nesses princípios, entendeu que a educação seria o caminho pelo qual o desenvolvimento social ocorreria, fazendo

³ João A. Barbosa, “A crítica em série”, in José Veríssimo, *Estudos de Literatura Brasileira (1ª série)* (Belo Horizonte: Itatiaia, 1976), 26 (Grifo meu).

⁴ Maria do P. S. G. de S. A. França, “José Veríssimo (1857-1916) e a Educação Brasileira Republicana: raízes da Renovação Escolar Conservadora” (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2004), 11.

⁵ Maria A. Cavazzotti, *O projeto republicano de educação nacional na versão de José Veríssimo* (São Paulo: Anablume, 2003).

com que o brasileiro se reconhecesse enquanto parte desse processo. Para os partidários do evolucionismo social, educar o homem seria direcionar a sociedade ao progresso. Neste sentido, para ele, conforme afirma Cavazotti era importante sanar “a pobreza de conhecimento do povo brasileiro”, para enfim “evoluir”⁶. Essa ideia é corroborada na introdução à segunda edição do livro *A Educação Nacional* de 1906 onde ele esclarece que o objetivo da educação seria o de “corrigir os vícios e defeitos” em direção ao progresso brasileiro, já que a educação seria “garantida” a todos.

Este livro foi escrito logo após a proclamação da República. Não me receio de dizer que o foi com a máxima boa fé e sinceridade. Meditei-o e escrevi-o na doce ilusão e fagueira esperança de que o novo regime, que só o propósito de ser de regeneração para a nossa pátria legitimaria, havia realmente de ser de emenda e correção dos vícios e defeitos de que os seus propagandistas, entre os quais me poderia contar, levaram mais de meio século a exprobrar à monarquia. Ao seu ingênuo autor, desde a juventude dedicado, com ardor e estudo, às questões de educação, parecia que tanto a filosofia especulativa como a experiência da humanidade certificavam-se que o meio mais apto, mais profícuo, mais direto e mais prático de obter emenda e correção, era a educação.⁷

Neste sentido é possível assimilar que as mudanças de caráter educacional seriam de grande importância para renovar a mentalidade brasileira. Nas palavras de Roque Barros, a escola no século XIX passa a ser então um “foco de luz”⁸. Neste sentido, as mudanças de caráter educacional seriam de grande importância para renovar a mentalidade brasileira e as luzes da Ciência iluminariam os caminhos dessa grande mudança na educação, que daria ao homem brasileiro um novo caráter

⁶ Ibid., 59.

⁷ José Veríssimo, *Homens e Coisas Estrangeiras (1889-1908)* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2003), 5-6.

⁸ Roque S. M. Barros, *A ilustração brasileira e a idéia de universidade* (São Paulo: Convívio, 1986).

moral e intelectual⁹. Assim, a educação teria o papel fundamental de difundir os ideais progressistas entre o povo, no intuito de fazer da escola a “redentora” da sociedade.¹⁰

Neste contexto, se encontra a motivação de José Veríssimo em criar um colégio na Província do Pará, que estivesse de acordo com o pensamento em voga nos países europeus e no Brasil, como o positivismo de Comte e o evolucionismo de Darwin e Spencer. Essas correntes científicas foram alguns dos alicerces da nova república já que na perspectiva positivista “a república era vista dentro de uma perspectiva mais ampla que postulava uma futura idade de ouro em que os seres humanos se realizariam plenamente no seio de uma humanidade mitificada”¹¹, o que reforça a ideia evolucionista de que “a evolução humana obedece a leis rigorosas; que o determinismo presente no mundo natural é o mesmo que rege o desenvolvimento da humanidade”¹². Baseados nisso muitos estudiosos passaram a ver na educação a saída para uma sociedade intelectualmente “evoluída”.

Veríssimo está de acordo com a ideia de que a educação poderia corrigir a moral e chega a afirmar que toda educação moderna deve estar alicerçada na ciência que deve estar despida, principalmente, dos preconceitos religiosos, pois para ele a ciência é “a mestra da verdade, não de uma verdade subjetiva e controvertida, mas da verdade indiscutível e a cada passo verificável”.¹³

Assim, alguns escritores da época como o paraense José Veríssimo acreditavam que a escola “daria a luz” a uma nação moderna com uma “feição própria”.¹⁴ Diante disso, um dos primeiros aspectos criticados pelo escritor foi o fato de que a ciência ensinada no país fosse apenas uma repetição dos livros franceses, sem qualquer identificação com o Brasil.

⁹ Cavazotti, 43.

¹⁰ França, 25.

¹¹ Carvalho, José M. de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 1991), 10.

¹² Barros, 109.

¹³ José Veríssimo, *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano* (Pará: Tipografia de Pinto Barbosa & C., 1888), 9.

¹⁴ José Veríssimo, *Estudos Brasileiros (1877-1885)* (Pará: Tavares Cardoso & C., 1889), 1.

A Ciência não existia senão na repetição menos original dos livros franceses feita nos cursos superiores de matemática e de medicina e, para dizer tudo, no ano em que me matriculei na antiga escola central, hoje Politécnica, estudava-se matemática por Lacroix, e os compêndios de ciências naturais traziam essa advertência no frontispício: Arouvé par Monsigneur l'Archevêque de Paris e um deles, o de mineralogia de Beudant, negava - em 1874 - a existência do homem fóssil!¹⁵

Veríssimo acreditava que os livros utilizados para o ensino de ciências naturais e matemática ainda fossem os mais atrasados e, o que pior, ainda estivessem negando descobertas conhecidas desde 1856 como a existência do homem de Neandertal, que ele chama de "homem fóssil". E completa:

nas academias que, dado o nosso meio social, eram nem podiam deixar de ser, o centro único do movimento científico, os estudos experimentais e de observação, base de toda a ciência e de uma importância capital e exclusiva para seu desenvolvimento, eram feitos sem laboratórios nem gabinetes, ou em gabinetes paupérrimos, o que quer dizer que, realmente, apenas existiam nos programas oficiais. Em outras palavras desde a independência até 1873, não há, não conheço ao menos, a não ser talvez a Flora fluminense de Velloso, um único trabalho de valor da ciência brasileira.¹⁶

Como é possível notar, segundo Veríssimo as academias, mesmo sendo o "centro único do movimento científico" não promoviam um ensino baseado na observação e na experimentação, o que para Veríssimo era primordial no sentido de mostrar que era necessário introduzir a ciência no contexto educacional.

Ele assinala que nos anos 70, do século XIX, devido à grande mobilização intelectual gerada pelo movimento republicano, a educação

¹⁵ Ibid., 112.

¹⁶ Ibid., 112.

científica passou a ter importância no Brasil, através da criação da Escola Politécnica. Nesta escola foi instituído o curso de ciências físicas e naturais e de matemática, além da disciplina biologia entre outros.

(...) em 1874, o governo reformou o antigo curso de engenharia da Escola Central, criando a Escola Politécnica e nela além dos cursos das artes de engenheiro civil, manufatureiro ou de minas, as duas importantíssimas secções de ciências físicas e naturais e de ciências físicas e matemáticas, mandando vir da Europa professores como Guinet, o mineralogista Gorceix, a quem depois incumbiu de fundar a Escola de Minas de Ouro Preto, o fisiologista Couty, dotando ao mesmo tempo mais generosamente os laboratórios e gabinetes e enviando professores à Europa, a estudarem os aperfeiçoamentos das matérias que ensinavam. Nos novos programas pela primeira vez apareciam nos cursos acadêmicos, os nomes de certas disciplinas, como a biologia e outras.¹⁷

Nas palavras do autor vê-se um grande interesse em valorizar as disciplinas científicas na época, sobretudo, no sentido de fortalecer as instituições, equipando laboratórios, gabinetes e buscando aperfeiçoar os professores nas matérias que lecionavam. Nesta empreitada científica também foi publicado, em 1874, o livro *O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso comum*, de José de Araújo Ribeiro que, segundo Veríssimo, foi “a primeira obra francamente darwinista, senão materialista escrita no Brasil”¹⁸. Além disso, com a reforma do Museu Nacional do Rio de Janeiro, os estudos experimentais passaram a circular com maior frequência entre os intelectuais brasileiros, pois segundo o autor, isso permitiu estudar sistematicamente a antropologia e a etnografia. Essa mobilização gerou trabalhos de antropologia como os de Lacerda Filho e Peixoto; de fisiologia também de Lacerda Filho; de etnografia e

¹⁷ Ibid., 121.

¹⁸ Ibid. 122.

arqueologia de Ladislau Netto e Ferreira Penna, entre outros¹⁹, mas uma das coisas mais importantes que estava acontecendo para Veríssimo era que

Nas academias começaram os escritores franceses a serem substituídos por compêndios dos próprios professores, nos quais, entretanto se nota ainda uma falta de originalidade senão na exposição, nos fatos analisados, a provar uma grande pobreza de estudos originais. Todavia era já um passo dado e é de esperar que a introdução dos estudos experimentais no Brasil e a nova organização do ensino médico e das ciências físicas e naturais, crêem entre nós verdadeiros homens de ciência, que possam citar experiências, fatos e leis por eles mesmos feitas, estudados e descobertos.²⁰

Veríssimo outrora preocupado com a falta de experimentação no ensino agora parece entusiasmado no sentido de mostrar que, com a inserção dos estudos experimentais, a ciência no Brasil produziria “verdadeiros homens de ciência” baseados na confiança transmitida através das experiências, dos fatos e das leis que poderiam ser conduzidos por brasileiros. Aliás, a falta de um laboratório para experimentação foi determinante para que o escritor não quisesse ensinar as ciências naturais no Colégio Americano.

Era desejo meu iniciar o ensino das ciências naturais nesta Província, mas fazê-lo de um modo profícuo; não ignoro porém que é impossível ensiná-las sem os laboratórios correspondentes, por mais modestos que sejam, e deixo a ignorância audaciosa e como quer que seja imprudente, a glória de enganar o público anunciando que não pode absolutamente realizar. Enquanto, pois, não possuir laboratórios e professor realmente habilitado, o Colégio Americano não ensaiará o ensino, aliás utilíssimo, e porventura hoje indispensável dessas ciências.²¹

¹⁹ Ibid., 124.

²⁰ Ibid., 125.

²¹ José Veríssimo, *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano* (Pará: Tipografia de Pinto Barbosa & C., 1888), 22.

Nota-se claramente a influência que Veríssimo recebe das teorias, não abrindo mão da prática experimental, para o ensino de ciências. Isso era uma atitude muito observada nas Escolas Politécnicas²², por exemplo, onde o ensino estava totalmente atrelado à prática, caracterizada pelo ensino intuitivo, juntamente com o ensino enciclopédico²³.

Neste método de ensino dito intuitivo²⁴, também chamado “lição de coisas” o aluno era convidado a conhecer o mundo exterior pela experiência dos sentidos.²⁵

As lições de coisas, cuja eficácia não é mais lícito pôr em dúvida, me dão, é certo, o ensejo de estabelecer um ensino tanto ou quanto científico, no qual muito confio. [...] Em resumo direi que facilita extraordinariamente o trabalho do professor e o do aluno, ao qual dá sempre idéias mais claras do que o poderiam fazer as mais hábeis explicações daquele.²⁶

De acordo com Valdamarin, “a adequação do método intuitivo ao campo das ciências naturais é claramente percebida, dado que esse conteúdo de ensino pode ser apresentado aos alunos de modo atraente e prático”.²⁷ De forma que há um grande interesse no século XIX de que este método de ensino estivesse atrelado ao ensino de ciências, já que o

²² A primeira Escola Politécnica Brasileira foi criada em 1874, e tinha a finalidade de formar engenheiros. O ensino foi bastante influenciado pelo positivismo, e reconhecido como um dos principais difusores da ciência no Brasil. Para mais esclarecimentos ver Amélia I. Hamburger et al. *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)* (São Paulo: Edusp, 1996).

²³ O ensino enciclopédico é aquele onde o professor é responsável pela transmissão de conhecimento. É caracterizado por aulas expositivas, em que na avaliação é cobrada a memorização dos conteúdos ensinados. Nas Universidades, por exemplo, o ensino enciclopédico era baseado na transmissão de conteúdos científicos de caráter generalista, ou seja, na acumulação de informações ao máximo sobre diferentes temas científicos.

²⁴ O ensino intuitivo, diferentemente do ensino enciclopédico é construído sob a perspectiva de relacionar-se com o mundo através do contato direto com a natureza. Acreditava-se então que o aluno ao observar os objetos que o circundavam obteriam um conhecimento mais próximo do real. Conforme Diego R. S. Machado, “República, ciência e instrução pública no Pará: o Museu Paraense e o ensino da história natural (1889-1900)” (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2010).

²⁵ França, 37.

²⁶ Veríssimo, *Notícias*, 12-13.

²⁷ Vera T. Valdamarin, “O método intuitivo Os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado”, in *O legado educacional do Século XIX*, Dermeval Saviani, et alli (Campinas: Autores Associados, 2006), 94.

método intuitivo se baseia sobretudo na observação dos fenômenos da natureza para dele extrair suas reflexões acerca do que é observado.

Este modelo foi valorizado por conta da perspectiva positivista que exaltava o ensino através da observação e experimentação, já que segundo Comte²⁸, “todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados. Essa máxima fundamental é evidentemente incontestável”, logo, para chegar ao estado positivo teria que se observar os fenômenos e dele retirar as leis que regem a natureza e conseqüentemente a história da humanidade.

Nesta perspectiva a educação científica então passou a ser um elo entre o conhecimento das leis naturais e a “percepção verdadeira da natureza social”²⁹, associando o papel do homem na sociedade à sua disposição natural, aliás, “a educação no século XIX tornou-se o mais conveniente e universal critério para determinar a estratificação social, embora não se possa definir com precisão quando isto aconteceu”³⁰.

Este pressuposto foi decisivo na nova organização social, pois com o avanço das ideias iluministas e positivistas já não era possível impedir à força o acesso de parte da sociedade ao saber, como o acesso das mulheres.³¹

JOSÉ VERÍSSIMO E A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA FEMININA NO SÉCULO XIX

Diante do ideal progressista almejado pelos republicanos surgem algumas perguntas: Qual o papel da mulher brasileira na “invenção” nacionalista? Até que ponto se estabeleceria a liberdade feminina na sociedade? Ela também teria um papel específico na campanha educacional científica abraçada pelos intelectuais da época?

²⁸ Augusto Comte, *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Catecismo positivista* (São Paulo: Abril Cultural, 1973), 5.

²⁹ Celdon Fritzen, “A pedagogia e a modernização brasileira em Rui Barbosa e José Veríssimo”. *Unirevista* 2, nº 1 (2006): 1-11, 8.

³⁰ Eric Hobsbawm, & Terence Ranger (orgs.), *A invenção das tradições* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997), 301.

³¹ Lúcia Tosi, “Mulher e ciência a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência Moderna”. *Cadernos Pagu*, nº10 (1998): 369-397.

No caso das mulheres - partindo de uma premissa positivista, que pairava no discurso dos intelectuais da época - houve outro tipo de conformação dentro da sociedade brasileira. Além do que, o positivismo exaltava o caráter maternal e educativo da mulher defendendo a

ideia de uma maior instrução para as mulheres em uma perspectiva de prepará-la adequadamente para o papel de mãe e de esposa - desta maneira estariam indiretamente educando os homens, pois as primeiras noções de educação são dadas pela mãe dentro do lar.³²

O apelo educacional era, sob esse aspecto, mais moral que intelectual, retornando ao princípio de que a mulher deveria ser mais educada, que instruída. Logo a educação recebida pela mulher precisava estar de acordo com o que ela devia saber a fim de educar os filhos, pois "na opinião de muitos, não havia porque 'mobilier' a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial - como esposa e mãe - exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios"³³.

A educação científica, tão elencada pelos intelectuais da época, era destinada à educação dos meninos, cuja inteligência era entendida como adequada a receber a devida instrução no campo das ciências, aliás, de ciências para as meninas, só a "ciência da direção do lar".³⁴

Ancorado nos ideários de progresso e iluminação através das ciências, José Veríssimo apresentou à mulher brasileira um papel fundamental na formação moral das crianças diante da "nova sociedade" que estava emergindo com a iminente proclamação da república, exaltando a educação feminina pelo viés da natureza materna e por outro

³² Tania E. M. Garcia, "A educação na construção de gênero", p. 4, http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/152_tania.pdf. (acessado em 25 de maio de 2011)

³³ Guacira Lopes Louro, "Mulheres na sala de aula", in *História das Mulheres no Brasil*, org. Mary Del Priore (São Paulo: Contexto, 2004), 446.

³⁴ "Ata de instrução de 1884" *apud* J. K. Nogueira & A. R. Shelbauer, "Feminização do Magistério no Brasil: O que relatam os pareceres do Primeiro Congresso da Instrução do Rio de Janeiro", *Revista HISTEDBR On-line*, 27(2007): 78-94.

restringindo a educação científica das mesmas pelo viés da natureza intelectual julgada inferior à do homem.

Qu'une femme ait des clartés de tout, é, numa linha, todo o programa da educação feminina. E não se confunda aqui a justa parcimônia e moderação com a superficialidade. Para que uma mulher não ignore algumas das noções que nenhum homem de média cultura não deve ignorar, as principais leis gerais das ciências, nem os grandes fatos de que delas decorrem, os acontecimentos fundamentais da evolução humana ou os fenômenos capitais das ciências do homem e da terra, não precisa que ela se aprofunde e especialize em qualquer delas e menos em todas elas, para o que a sua inteligência, que eu continuo a reputar inferior à do homem, acaso a tornaria incapaz. Meia dúzia de anos de puberdade à juventude bastaria para, com método e inteligência, dar-lhes essas clartés de tout (luzes de tudo, se não traduzo mal) indispensáveis ao exercício racional e proveitoso de sua função social.³⁵

Com relação a estes aspectos as ideias de José Veríssimo estavam em sintonia com as positivistas já que “para Comte não pode ter a mulher outra função que a de mãe de família sujeita ao marido. Somente pela sua influência afetiva doméstica lhe caber agir indiretamente pela sociedade”³⁶.

De acordo com Veríssimo, a mulher seria uma força auxiliar dos sábios, sendo de grande importância que ela receba uma educação prioritária, pois como mãe, ela é “o primeiro e principal educador do indivíduo, desde seu nascimento, e até ainda bem antes, até a sua morte, é a mulher, segue-se logicamente, necessário, que a educação da sociedade deve começar pela educação da mulher”³⁷.

A partir disso Veríssimo faz uma dura crítica de como a mulher portuguesa era tratada no seu país. Elas eram educadas em conventos e

³⁵ José Veríssimo, *A educação Nacional* (Porto Alegre: Novas Perspectivas, 1986), 122-123.

³⁶ Veríssimo, *Estudos de Literatura Brasileira*, 64

³⁷ Veríssimo, *A educação Nacional*, 116.

depois voltavam ao convívio familiar, mas sem grandes avanços quanto a sua participação na sociedade

Do convento ou recolhimento religioso onde em geral se educava, passava à casa de sua família, na qual a sua reclusão era apenas menor. O que valiam como moralidade, compostura, decência, instrução, bom tom, disciplina moral e intelectual em suma, os conventos de freiras portuguesas, sabemos-lo sobejamente pelas crônicas e histórias do tempo e por mil fatos do domínio público. As torpíssimas tradições que deixaram andam abundantemente vulgarizadas na história, na crônica e na ficção portuguesa. Essa educação de convento, entre freiras ex ou ainda amásias de reis e fidalgos, de criadas desavergonhadas e escravas impudicas, que desobrigavam suas amas de todo o trabalho honesto e nobilitante e lhes serviam de teceiras; de frades devassos, de chichisbéos, de poetastros, habituados das grades dos parlatórios, numa vida desocupada, ou apenas enchida com o exercício enervante das rezas diuturnas e das devoções obrigatórias, e com os namoros, os mexericos, as intrigas sentimentais ou outras, a maledicência – que de tudo eram os conventos focos – não era sem dúvida a mais apta para produzir um tipo de mulher capaz de ser digna educadora do homem.³⁸

Na opinião de Veríssimo, o convento não se mostrava um local apropriado para a educação das mulheres, pois seria um lugar de pouca compostura, moralidade, compostura, decência, instrução, disciplina moral e intelectual. Nas suas casas, por exemplo, elas eram tratadas mais rigidamente, e tinham menos liberdade que no convento. Segundo Nunes, “os liberais, opositores ferozes do conservadorismo católico, expressam também sua crítica ao ensino ministrado pelas religiosas. Insistem nos prejuízos causados pela educação confiada a padres e freiras”.³⁹ Veríssimo acreditava como os liberais, que os conventos não transmitiam uma boa

³⁸ Ibid., 116-117.

³⁹ Maria J. R. Nunes, “Freiras no Brasil”, in *História das Mulheres no Brasil*, org. Mary Del Priore (São Paulo: Contexto, 2004), 494.

influência para as meninas, o que vai de encontro à ideia de que no convento as moças eram submetidas a um “forte controle clerical”.

Veríssimo faz uma crítica muito bem elaborada sobre a educação das freiras, mas o objetivo é afastar cada vez mais o ensino religioso da formação das mesmas. Afastar as mulheres do convento, não era só uma questão de dar-lhes uma educação mais apropriada (já que o convento não promovia isso), mas acima de tudo, dar-lhes uma nova perspectiva dentro da sociedade.

Para o autor, no Brasil, seguindo as tradições portuguesas, não houve grandes avanços no trato com a mulher. Elas continuaram sendo vistas simplesmente como espectadoras de uma sociedade que as tratava desigual e excludentemente. Muitas dessas mulheres eram de “boas famílias”, porém às vezes não tinham o mínimo de instrução. Sendo assim, não tinham como educar os homens de sua época, logo era necessário dar um novo rumo na configuração familiar, já que as mudanças em relação à mulher ocorreriam mesmo que isso não fosse o desejado. Sobre isso Veríssimo comenta que

as necessidades da vida contemporânea, as suas exigências imprescritíveis, mais que as nossas teorias sentimentais ou racionais, vão modificando na nossa sociedade, mais rápida e profundamente do que talvez se carecia, os nossos costumes e hábitos em relação à mulher.⁴⁰

As mulheres da época contemporânea à Veríssimo então começaram, ainda que modestamente, a conquistar seu espaço na sociedade ora saindo sozinha às ruas ora conversando e discutindo com os homens. Segundo Hobsbawm⁴¹, devido à emancipação feminina, a partir de 1875 uma “nova mulher” estava surgindo, mesmo com os entraves patriarcais existentes, as mulheres começaram a ter menos filhos. Com um índice de natalidade menor é possível pensar em duas explicações: ou

⁴⁰ Veríssimo, *A educação Nacional*, 120.

⁴¹ Eric Hobsbawm, *A Era dos Impérios (1875 - 1914)* (São Paulo: Paz e Terra, 2009), 303

as mulheres estavam se casando mais tarde ou preferindo permanecer solteiras, o que implicava numa nova expectativa de vida para as mulheres, já que solteira e sem filhos era possível aproveitar a “liberdade” de se dedicar a outras ocupações.⁴²

No Brasil, a ascensão da burguesia trouxe à sociedade outra maneira de organizar o tempo e as atividades femininas, pois na “família burguesa” as relações eram marcadas pela “valorização da intimidade e da maternidade”. Há com isso um reforço do ideal da mulher como mãe dedicada e atenciosa, que é responsável pelo cuidado e pela primeira educação dos filhos, para que não ficassem sob influência de “amas, negras ou ‘estranhos’, ‘moleques’ da rua”.⁴³

Nesta perspectiva, a educação da mulher se torna essencial, já que para ser educadora era necessário ser também educada. A finalidade de educar a mulher era então fazer dela uma boa dona de casa, boa esposa e mãe amorosa levantando um discurso no qual o papel da mulher seria o de seguir a “carreira doméstica”⁴⁴. Não demorou muito para que o magistério tomasse ares de emancipação, proporcionando o trabalho feminino como se fosse uma “extensão da maternidade, o destino primordial da mulher”⁴⁵, mas isso trouxe também a possibilidade de adotar outra perspectiva para a vida das mulheres, como mostra Oliveira:

a feminização do magistério como um ponto de partida para a emancipação da mulher, traz consigo no processo de conformação, a negação do prazer e do casamento. Se antes a possibilidade de futuro estava no casamento, tendo o homem como provedor e

⁴² Ibid., 303.

⁴³ Maria Â D’íncio, “Mulher e família burguesa”, in *História das Mulheres no Brasil*, org. Mary Del Priore (São Paulo: Contexto, 2009), 223, 229.

⁴⁴ Cláudia R. V. Torres, & Marluse A. dos Santos, “A educação da mulher e a sua vinculação ao magistério”, in *Ensaio sobre Gênero e Educação*, org. Tereza C. P. C. Fagundes (Salvador: Ufba, 2001) e Maria J. S. Bastos, “Mulheres na sala de aula”, *Revista HISTEDBR On-line*, nº 21 (2006): 15-25.

⁴⁵ Guacira Lopes Louro, “Mulheres na sala de aula”, in *História das Mulheres no Brasil*, org. Mary Del Priore (São Paulo: Contexto, 2004), 451.

protetor, nesta nova configuração, mulheres que adotavam a profissão de professoras, quase sempre ficavam solteiras.⁴⁶

Contudo,

os discursos mais alarmistas alertavam que os novos comportamentos poderiam trazer a dissolução da família e do casamento, causando prejuízos a toda ordem social, e por isso apregoavam que a mulher devia limitar-se ao espaço privado do lar e ao cuidado do esposo e filhos.⁴⁷

Veríssimo afirmava que os costumes mudariam a qualquer momento e que não adiantaria lutar contra o que estaria por vir, logo era necessário criar pressupostos que dessem liberdade à mulher, mas ao mesmo tempo regulasse seu comportamento dentro da sociedade. Neste sentido a feminização do magistério foi essencial, atribuindo um papel de educadora não só no âmbito do lar, mas também da nação.

A vida da mulher brasileira então mudaria e Veríssimo não acreditava que a mulher fosse mais conservadora que os homens no sentido de aceitar as mudanças passivamente, porém ele atribuía a isso a uma “natureza mais nervosa”, que seria “cientificamente comprovada”. Sendo assim seria próprio da mulher ser “menos consistente e mais volúvel” em “transformar” mais facilmente que os homens.⁴⁸

Esta forma de conceber a natureza feminina era bem generalizada na época e está bem próxima da justificativa Comtiana. Segundo o autor⁴⁹, “Comte estabelecia sua teoria da mulher sobre o critério biológico”⁵⁰ e segue afirmando o pensamento de Comte sobre a biologia.

⁴⁶ Lilian S. Oliveira, “Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência”, p. 3, http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/.../Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf. (acessado em 11 de dezembro de 2011).

⁴⁷ Elizabeth S. Abrantes, “A educação da mulher na visão do médico e educador Afrânio Peixoto”, *Outros Tempos* 7, nº10 (2010): 143-157.

⁴⁸ Veríssimo, *A educação Nacional*, 121.

⁴⁹ Veríssimo, *Estudos de Literatura Brasileira*, 65.

⁵⁰ As teorias científicas biologizantes, vigentes entre o século XIX e XX, foram construídas principalmente por médicos que atribuíram ao corpo feminino a ideia de fragilidade e, neste sentido, apropriado apenas para a maternidade. Foucault em seus escritos sobre sexualidade mostra que este discurso foi produzindo atravessado pelas relações de poder, a fim de colocar a mulher em uma posição “cientificamente provada” de inferioridade, justificando assim a normalização e regulação do comportamento feminino, Margareth Rago no livro intitulado *Os prazeres da Noite* de 1991, mostra que o discurso médico-biologizante no Brasil foi criado a partir

por imperfeita que a todos os respeitos seja ainda a biologia, lhe parece, entretanto apta para poder estabelecer solidamente a hierarquia dos sexos, demonstrando anatômica e fisiologicamente ao mesmo tempo em que quase toda série animal, na nossa espécie, sobretudo, o sexo feminino é constituído em uma espécie de estado de infância radical que o torna inferior ao tipo orgânico correspondente.⁵¹

Mesmo Stuart Mill, um dos pensadores liberais mais atuantes do século XIX, no sentido de dar visibilidade à luta pelos direitos da mulher, não negava a limitação da mesma no sentido fisiológico concordando neste sentido, segundo Veríssimo, com o pensamento de Comte.

Mill replica-lhe (a Comte): que compreende o seu pensamento comparando a constituição orgânica do sexo feminino a um prolongado estado de infância. Não ignora o que muitos fisiologistas disseram a respeito, e sabe que não só pelo sistema muscular e celular, mas também pelo sistema nervoso, e muito provavelmente pela estrutura cerebral, estão as mulheres menos afastadas que os homens do caráter orgânico das crianças. Mas isso lhe não parece decisivo. Para que o fosse, fora preciso provar que a inferioridade das crianças em relação aos homens depende da diferença Anatômica do seu cérebro, quando depende principalmente, senão totalmente, só da falta de exercício.⁵²

Por fim Veríssimo decide sobre o discurso que apoia em relação à constituição intelectual da mulher. Dando a entender que essa constituição é inata, orgânica não podendo ser modificada.

Se para Comte a inferioridade da mulher era orgânica e, portanto, sem modificação possível, para Mill, que acabou cedendo nesse ponto da sua inferioridade biológica, era ela principalmente devida

dos estudos que se seguiam na Europa sobre a inferioridade feminina, sob a legitimidade do conhecimento científico., Margareth Rago, *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991).

⁵¹ Veríssimo, *Estudos de Literatura Brasileira*, 65.

⁵² *Ibid*, 66.

à educação dada à mulher e à falta de exercício das suas faculdades intelectuais. É impossível não reconhecer que a argumentação de Comte é mais forte e mais convincente, como não me parece razoável desconhecer o merecimento da objeção de Mill, principalmente quando se a experiência do passado favorece Comte, não é lícito prever até onde a do futuro concorrerá contra a sua teoria. É certo que ele não se esqueceu de opor a essa razão de Mill, com a sua costumada energia de argumentação, que nada sociologicamente impediu a mulher de tomar a par do homem uma situação de igual, senão a sua mesma inferioridade orgânica. O exercício e a educação a modificarão um dia, como pretende Stuart Mill até estabelecer a igualdade completa? Eu de mim confesso que não o creio, e que nesse ponto me inclino mais à opinião do filósofo francês.⁵³

Essa concepção apoiada por Veríssimo era vigente na época, sendo reforçada por jornalistas e médicos que tal como o escritor apoiavam-se na doutrina positivista para justificar, biologicamente, o papel da mulher na sociedade. Como visto a seguir

Jorge Miranda, jornalista conceituado, redigiu em 1873 um artigo no jornal "a gazeta de Campinas" a favor da instrução feminina. Futuro diretor do colégio "culto à ciência" enfatizava a diferenciação biológica dos sexos como empecilho para equiparação de conhecimentos entre homens e mulheres. A estrutura orgânica da mulher a impedia de obter instrução semelhante. Porém ressaltava a necessidade de elas freqüentarem os bancos escolares, desde que os conhecimentos adquiridos servissem apenas para o aperfeiçoamento maternal.⁵⁴

Esse pensamento era corroborado também pelo médico Silva Rego que influenciado pelo positivismo, publicou uma tese em 1875 no Jornal "Diário de Campinas" onde mostra que as diferenças orgânicas influenciam na maneira de pensar e sentir das mulheres. Dizendo que "o

⁵³ Ibid., 68-69.

⁵⁴ Arilda I. M. Ribeiro, "A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas, 1863- 1889" (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1993), 58.

sistema nervoso (da mulher) muito mais delicado, é envolvido por um tecido celular mais úmido e frouxo...”⁵⁵, justificando as supostas diferenças biológicas como um motivo de diferenciação intelectual.

Diante disso o médico finaliza sua tese afirmando que:

Ficou evidentemente provado, nos parece, que a mulher por sua organização, não pode atingir o mesmo sucesso que o homem, na cultura das ciências e artes onde certa perseverança, contenção do espírito e uma imaginação sustentada representam o principal papel [...] não se segue, porém, daí, que a mulher não deva ser educada e ilustrada, não por certo; ao contrário, nós a queremos instruída e até mesmo sábia se for possível, mas os seus dotes intelectuais não lhes devem fazer esquecer se sua verdadeira missão para querer ocupar o lugar que só ao homem é destinado, e que ela não pode convir, nem ela pode vantajosamente exercê-lo, pela sua própria organização. E esta é a verdade.⁵⁶

De posse da “verdade”, o discurso levantado pelo jornalista, pelo médico e por Veríssimo em vigor na época mostra o quanto esses pensamentos influenciaram na organização da sociedade brasileira na ocasião, mantendo a mulher num papel intelectualmente inferior ao do homem.

O mesmo discurso continuava a limitar os campos onde a mulher podia atuar profissionalmente, reservando as “ciências e artes” apenas ao âmbito masculino. Para o autor a mulher tinha que ser educada como os homens, integral e enciclopedicamente, porém à mulher seria dado o direito de aprender “as noções que nenhum homem de média cultura não deve ignorar, as principais leis gerais da ciência, nem os grandes fatos de que delas decorrem, os acontecimentos fundamentais da evolução humana ou os fenômenos capitais das ciências do homem e da terra”.⁵⁷

Veríssimo acreditava que as mulheres tinham inteligência inferior à do homem, sendo assim não poderiam aprender nada além do que um

⁵⁵ Ibid., 59.

⁵⁶ Jornal “Diário de Campinas”, seção noticiário, 30 de novembro de 1875 apud Ibid., 59-60.

⁵⁷ Veríssimo, *A educação Nacional*, 122.

homem pudesse aprender no tocante ao ensino das ciências. A função de serem educadas era apenas pra que não ficassem alheias de sua função social como primeira educadora do lar, pois

não se trata de fazer delas físicas e químicas, nem zoologistas ou botânicas, senão de dar-lhes de cada uma destas ciências, ou antes, dos fenômenos de seus domínios, as noções positivas, exatas, claras mais necessárias à compreensão do mundo e da vida e das leis do universo, conhecimento a que por via de regra são as mulheres inteiramente alheias, e, no entanto indispensáveis a sua tarefa de primeiras e principais educadoras do homem.⁵⁸

Ainda que Veríssimo estimulasse a educação da mulher, o discurso dele mostra que ele não chega a destituir as ideias em vigor na época, que pretendiam que as mulheres tivessem um estudo aprofundado quanto ao ensino das ciências naturais, já que não se aproveitaria para sua formação profissional nestas áreas.

Sendo assim, é possível notar que pelo discurso apresentado por Veríssimo, embora a educação científica fosse uma das principais balizadoras do progresso brasileiro, deveria ser diferente em se tratando de homens e mulheres, pois a função profissionalizante da educação deveria ser apenas para os primeiros, enquanto que para a mulher a função principal seria educar os filhos.

CONCLUSÃO

Não é possível dissociar uma escritura de uma razão histórica. José Veríssimo viveu em um século em que novas correntes filosóficas e científicas como o evolucionismo, o positivismo e o materialismo buscavam dirigir o pensamento das pessoas e apontar um rumo para as questões políticas e sociais, logo o pensamento de Veríssimo não era singular e sim relacionado com as ideias da época.

⁵⁸ Ibid., 127.

Neste sentido, os escritos mostram que aquele intelectual, embora não tenha conseguido se libertar das limitações que as ideias da época colocavam à aprendizagem científica da mulher, ele avança, em relação às limitações que havia antes, admitindo uma aprendizagem científica para a mulher mais do que seus antecessores.

A reforma educacional proposta por Veríssimo foi importante no sentido de se pensar uma educação alinhada aos moldes propostos republicano, pois se enfatizava sobremaneira o avanço intelectual e cultural do país através da educação. Sem dúvida Veríssimo assume um papel historiográfico importante no sentido de entender como o projeto de educação nacional foi delineado a partir da queda do Império e, sobretudo para compreender como a ordem instaurada pode determinar o modo de pensar e agir dos povos.

SOBRE A AUTORA:

Lêda Valéria Alves da Silva

Universidade Federal do Pará. Possui graduação em Ciências Biológicas-licenciatura pela Universidade Federal do Pará (2007). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação em Ciências, atuando principalmente no seguinte tema: História da Ciência na Amazônia.

(e-mail: leda_valeria@yahoo.com.br)

Artigo recebido em 28 de junho de 2012
Aceito para publicação em 2 de dezembro de 2012